

06 a 10 de fevereiro de 2019

11^a

Bienal Da UNE

Festival dos Estudantes

Gilberto Gil • um reencontro com o Brasil



Salvador/BA
UFBA

Instagram @uneoficial

Instagram @cucadauneoficial

Facebook facebook.com/uneoficial

Facebook facebook.com/cucadaune

Inscreva-se:

www.bienaldaune.org.br

Realização



Co-realização



Apoio



Elife Andrade

Um reencontro com o Brasil



No colo do artista recarregamos a alma. Na mente do gênio buscamos lição. É na resistência que o peito se acalma. Somos invencíveis na nossa União.

Toda menina baiana tem na boca o gosto de uma primeira revolução. Que Deus deu. Todo menino baiano tem, na carne e no ritmo da cintura, a subversão do passado e do futuro do Brasil. Que Deus dá. Pro bem, pro mal, o primeiro chão da Bahia é o limiar de um reencontro desse país com a inevitabilidade da sua história. Todo choque ou encontro, toda alegria ou massacre, todo gozo, maldade ou pecado, todo amor ou injustiça original que tolhe a nossa concepção de nação foi desfraldada no solo místico e divisor desse estado, banhado no sangue de mais invasões que descobrimentos. A primazia do carnaval e do pelourinho, da festa e da tortura, do progresso e da opressão, do sincretismo e da perseguição é o norte inexorável de um país hoje cortado ao meio pela lâmina de uma derrocada democrática e civilizatória. E as vozes de Gil sabem. E os olhos de de Gil sabem.

Toda menina baiana tem, na consciência extratemporal do Ijexá, o prenúncio de toda a nossa cultura popular das ruas. E por isso resiste. Todo menino baiano que já vislumbrou - assim como o menino ministro - os pontos de costura do tecido brasileiro tem um jeito de não se entregar tão facilmente. E por isso insiste. Toda estudante ou todo estudante que trouxe, do CPC ao CUCA, o fio condensante da estética e da política desenhando os traços culturais do seu rosto, tem uma revolta irrequieta a aflorar no ciclo de lutas que se inicia. E por isso se dirige agora à capital inicial de Salvador para a 11a Bienal da UNE, em janeiro de 2019. Toda juventude baiana ou fluminense, goiana ou cearense, paulista ou paraense, mineira, catarinense tem um jeito de achar, nos momentos mais dramáticos da nossa história, o caminho de reencontro com o Brasil. E os versos de Gil sabem.

Toda menina baiana que estava lá há 40 anos, em 1979, viu em Salvador o capítulo mais ousado do final da ditadura militar, quando milhares de corações clandestinos de todo o país reconstruíram à força a gloriosa União Nacional dos Estudantes. Toda menina baiana que estava lá há 20 anos, em 1999, viu em Salvador a insurgência do movimento cultural que subverteu a desesperança neoliberal daquela década com as notas da primeira Bienal da UNE na mirada de dias melhores. Toda menina baiana que estava lá há 10 anos, em 2009, viu em Salvador a florescência da sexta Bienal, já em um período avançado da construção política, da democracia e da cultura nacionais. Viu a teia do programa Cultura Viva, a efervescência de conexão de um país até então fora do eixo, a transformação da universidade com as cores verdadeiras de negros, indígenas, filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras se formando em direção ao nosso futuro. Os sonhos de Gil sabem.

Toda menina baiana que viceja com orgulho em um dos estados mais negros do país tem receio do que há por vir, na esteira de 2019, principalmente para a juventude das favelas e periferias dessa pátria de pai ausente, excludente e pouco presente que teima pelos tempos para se libertar. Toda cultura baiana que é síntese diversa, do santo ao orixá, se protege agora da censura, da violência, de tomar a dura da polícia ou do político que querem a exterminar. E esse



é um mar com correnteza sempre oposta, com muitos séculos de lutas postas, onde a certeza é só o lutar. E toda menina, baiana e brasileira, todo menino, a juventude inteira quer agora se unir, se aquilombar. Porque a liberdade tem seu céu de Palmares ao Araguaia, porque os sonhos não envelhecem, às vezes tardam mas não falham, porque o som da nossa história é luta armada das alfaías, é nossa síncope rasgada no estandarte das batalhas. A juventude não se cala. O fogo eterno não se apaga. As memórias de Gil sabem.

E toda menina que se inspira no amálgama da Tropicália, que já cantou Back in Bahia e sua melodia exilada sabe que os tempos já foram duros e as soluções reinventadas, seguindo a sina de um país que busca luz pra florescer. A inquietação dos modernistas, do samba, do rap, dos tropicalistas é sempre arbusto rompendo lacre da barreira tenaz dos poderosos, de quem não quer o povo, pintado de povo, pintando um novo Brasil que ainda não veio a ser. E todo menino que se veste de poesia sabe que isso é o que eles não aguentam. Todo jovem com câmera na mão e enquadramento de guerrilha sabe que isso é o que eles não aguentam. Todo grupo de teatro, rock, funk, slam ou rima, todo grafite, todo pixo, todo lambe em uma esquina, toda existência tem em si tudo de si que eles não vencem e não aguentam. As cores de Gil sabem.

E toda menina universitária, pós-graduanda, secundarista, que se faz de guerreira, de mestre ou artista, tem agora a unidade do seu festival. A Bienal, primeira de todos estudantes, maior do que as outras que vieram antes, é uma fonte holística, científica, sinérgica, tenda dos milagres, um manancial. Estarão de mão dadas os jovens da UBES, que ocuparam suas escolas e que hoje defendem os seus professores, que resistem à mordança do partido dos opressores, que estão na trincheira da educação. Estarão irmanadas as mentes da ANPG, que produzem ciência, que protegem a pesquisa, fiadoras do conhecimento, exploradoras da tecnologia, que constroem nas universidades a viabilidade da nossa soberania. Assim como em outros antigos festivais da juventude, a Bienal reúne do Brasil o Brasil mais incrível, da teoria à arte pronta um acorde possível, o nosso tom emancipatório, a mistura mágica do sensível. Os ouvidos de Gil sabem.

Toda Bahia que já deu régua e compasso é hoje começo e fim de um mapa de disputa da brasilidade. A chegada do nordeste para quem sobe e a despedida do nordeste para quem desce é uma terra de fé e de acolhida. Um ponto vivo da resistência do país que ainda se acredita. Toda Bahia que se refazenda no sertão ou refavela na capital é mãe generosa, refestança no asfalto, realce e denço, pele nossa, um pedaço de prosa, é água corrente pra energizar. Terra de Gal e hoje Luedji, de Dorival e agora de Russo, chão de Caetano onde hoje está Baco, um redário, um mosaico universal conectado. Na Bahia de 2019 os gigabytes já se fazem em jangada, do acarajé à física quântica toda ciência é herdada, a periferia paraboliza a nova reza remixada e no carnaval a live é livre, sem cordão, com a pipoca liberada. O que muda o mundo é amor em bloco, são as ladeiras superadas. Chama o pessoal, manda descer pra ver a nossa passeata. As preces de Gil sabem.

Por isso, toda menina baiana é um farol. É a clave linda de um tarol que tem um jeito rebelde ao soar. E todo retorno é um retorno à Bahia. Toda chegada compensa a partida. Qualquer sonho ruim cai ao nascer do dia. Todo o universo é pai do raiar. Assim como a aurora, a luta é nossa ancestral. Assim como o som do vento, a nossa força é incondicional. Não cessam os calores de dentro. Faremos nossa Bienal. Porque toda menina baiana é o Brasil em si mesmo, é o maior dos contextos, é vida de vidas passadas no berço de quinhentos anos vencendo o que há. No colo do artista recarregamos a alma. Na mente do gênio buscamos lição. É na resistência que o peito se acalma. Somos invencíveis na nossa União.

**Deitamos esplêndidos nos braços de Gil.
E a ele prometemos o reencontro do Brasil.**

